

---

# A PRÁTICA DOS CARTÕES-POSTAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

## THE POSTCARDS PRACTICE AT GEOGRAPHY TEACHING

Vitor Ferreira de Souza<sup>1</sup>  
Rodrigo Chechi Marineli<sup>2</sup>  
Lourenço Magnoni Júnior<sup>3</sup>

---

**RESUMO:** Com o advento da globalização capitalista e do meio técnico-científico-informacional da terceira revolução industrial, o cartão-postal passa ser ignorado ou esquecido como material de apoio no ensino escolar. No entanto, é um ótimo aliado nos estudos de paisagem e lugar, assim como no resgate da história e identidade cultural da sociedade local. Compreendendo as potencialidades do recurso didático apresentado, o presente artigo busca relatar as experiências adquiridas a partir da confecção de cartões-postais no ensino de Geografia com alunos do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos municípios de São José do Rio Preto (SP) e Barra Bonita (SP). Para a implementação da prática, o trabalho contou com pesquisa bibliográfica prévia sobre os postais, o ensino de geografia, suas categorias e o processo de ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Cartões-postais. Educação de Jovens e Adultos. Ensino de Geografia.

**ABSTRACT:** With the advent of capitalist globalization and the technical, scientific and informational environment of the third industrial revolution, the postcard ends up being ignored or forgotten as supporting material in school education. However, it is a great ally in studies of landscape and place, as well as in rescuing the local society history and cultural identity. Understanding the potential of the didactic resource presented, this article aims to report the experiences acquired from

---

1 Professor de geografia da escola municipal Professor Ademir Dib de São José do Rio Preto. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica da Universidade Estadual Paulista – UNESP/Bauru. E-mail: vitorfssouza@gmail.com.

2 Professor dos anos iniciais do fundamental da escola municipal Professor Alberto Arradi de Barra Bonita. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica da Universidade Estadual Paulista – UNESP/Bauru. E-mail: rodrigo.chechi@hotmail.com.

3 Graduado em Geografia. Docente do Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica da UNESP Campus de Bauru - SP, da Faculdade de Tecnologia de Lins (Fatec) e das Escolas Técnicas Astor de Mattos Carvalho de Cabrália Paulista - SP e Rodrigues de Abres de Bauru - SP (Unidades de ensino do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza); membro do Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Bauru (COMDEMA) e da Diretoria Executiva da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Bauru - SP; editor da Revista Ciência Geográfica (www.agbbauru.org.br). E-mail: lourenço.junior@fatec.sp.gov.br.

the postcards elaboration in geography teaching in Elementary Education classrooms of Youth and Adult Education (EJA), in the cities of São José do Rio Preto (SP) and Barra Bonita (SP). For the practice implementation, the research had a previous bibliographic research on postcards, the geography teaching, its categories and the teaching-learning process.

**Keywords:** Postcards. Youth and Adult Education. Geography teaching.

## INTRODUÇÃO

O uso do cartão-postal no ensino de geografia pode ser entendido como uma forma de resgate cultural de uma linguagem esquecida no tempo, em decorrência da evolução das telecomunicações informatizadas e dos contatos e trocas sociais que conseqüentemente ganharam instantaneidade. No campo educacional, os postais podem apresentar características pedagógicas estimuladoras para os alunos, além de possibilidades de compreensão dos conteúdos a partir de instrumentos que, muitas vezes, lhes são desconhecidos.

Nesse contexto, o cartão-postal – com valor cultural e relevância social para a sociedade informatizada, disseminando imagens e informações sobre as paisagens do mundo – surge como um recurso didático criativo, uma vez que possibilita aos alunos o contato com uma linguagem pouco utilizada, mas de importante valor histórico-cultural para a formação de conceitos geográficos, como aqueles relacionados as categorias de análise do espaço (natureza, lugar, paisagem, região, território e ambiente).

Na concepção de Cavalcanti (2006, p. 35)

O desenvolvimento de um modo de pensar geográfico mais amplo e abstrato requer, portanto, a formação de conceitos pelos alunos. O trabalho com o conteúdo geográfico, para que ele se torne ferramenta do pensamento, implica a busca de significados e sentidos dados pelos discentes aos diversos temas trabalhados em sala de aula, considerando a experiência vivida por eles. Implica também a busca da generalização dos conceitos e o entendimento de sistemas conceituais; além disso, vislumbra trabalhar com outras dimensões da formação humana, como a emocional e a social, e não somente a cognitiva, a racional. Alguns conceitos são mais gerais e elementares ao raciocínio geográfico, e no meu entendimento são estruturadores do espaço geográfico, tornando-se importantes categorias de análise: natureza, lugar, paisagem, região, território, ambiente. Outros conceitos são também relevantes para compor um modo de pensar espacial e para analisar espaços específicos, entre eles estão os de cidade, campo, identidade cultural, degradação ambiental, segregação espacial, e uma infinidade de outros que compõem a linguagem geográfica.

Dessa forma, o presente artigo busca relatar as experiências adquiridas com a confecção dos postais no ensino de Geografia, anos iniciais e finais do ensino fundamental na Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos municípios de São José do Rio Preto (SP) e Barra Bonita (SP). Para a implementação do projeto foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o uso do recurso didático no contexto educativo para, em seguida, elencar os possíveis conteúdos a serem trabalhados por intermédio do recurso apresentado e realizar as três etapas do trabalho em sala de aula: pesquisa a respeito de cartões-postais postais, confecção de postais pelas turmas e troca de experiências entre os alunos das duas cidades supracitadas.

## OS CARTÕES-POSTAIS NO TEMPO

Antes de ser visto como um material didático, o cartão-postal possui uma trajetória de veiculação de imagens e de informações cujo uso se deve a uma “[...] série de condições sociais, econômicas e tecnológicas que, num determinado momento, favoreceu o surgimento de um tipo de comunicação postal simplificada e direta” (FRANCO, 2006, p. 26).

De acordo com Franco (2006), os cartões-postais, sem invólucro protetor, teriam surgido por volta de 1870 e eram constituídos apenas de gravuras. Somente na última década do século XIX se iniciou a representação com imagens fotográficas.

No Brasil, esse tipo de veículo de informação foi amplamente utilizado. Segundo estatísticas oficiais, os Correios coletaram, entre 1907 e 1912, mais de 57 milhões de cartões-postais, sendo que nesse período a população brasileira era de aproximadamente 20 milhões de habitantes (BELCHIOR, 1992).

Na sociedade brasileira do início do século XX, com poucos recursos imagéticos, o cartão-postal possibilitava que as pessoas conhecessem os lugares (além dos livros e enciclopédias) e expandissem a imaginação acerca das paisagens representadas.

Nesse sentido, é possível afirmar que “o postal promoveu a democratização da imagem fotográfica garantindo para gerações futuras acesso a uma memória que poderia ter sido facilmente descartada” (FRANCO, 2006, p. 22). No entanto, muitas vezes ele “[...] hierarquiza, separa, delimita, filtra, deforma, fundindo e sobrepondo imagens. Em outras palavras, o postal é ambíguo, cujos significados são flutuantes como é o próprio imaginário dos turistas” (SIQUEIRA, 2006, p. 135).

Essa ambiguidade enriquece ainda mais as discussões em torno do postal como um potencial recurso didático em sala de aula, pois traz para o centro do debate a necessidade do pensamento crítico sobre a paisagem retratada, a invisibilidade das contradições e os regionalismos presentes em um determinado lugar. Ao mesmo tempo, pode-se encontrar “[...] nos cartões-postais resquícios das expedições fotográficas de cunho informativo e documental” (SOTILO, 2014, p. 07).

## POTENCIALIDADES DO CARTÃO-POSTAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O desejo em se trabalhar os cartões-postais no ensino de Geografia surgiu a partir do contato com o trabalho do professor de história Herivaldo Alves Pereira, que os utilizou para identificar as diferenças e semelhanças culturais entre a colonização portuguesa na cidade de Bertioga (SP) e na ilha de Macau, na China (MARTINS, 2009). Foi por meio desse recurso didático que os alunos compartilharam informações sobre a história, cultura, população e economia dos respectivos lugares.

A partir de reflexões fundamentadas na prática de ensino supracitada, foi possível inferir possíveis maneiras de se trabalhar no ensino de Geografia, abrangendo o debate das categorias geográficas, como a paisagem e o lugar e as competências apresentadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Pensando nas competências contempladas no documento da BNCC, o uso dos postais pode auxiliar no desenvolvimento das competências gerais da Educação Básica, como, por exemplo:

04 – Utilizar diferentes linguagens-verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital -, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BRASIL, 2018, p. 09).

Já nas competências específicas para o ensino de Geografia se destaca:

04 – Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas (BRASIL, 2018, p. 366).

Ao longo da experiência docente adquirida no ensino fundamental fica evidente a dificuldade dos alunos em exercitar e compreender o pensamento espacial. Para muitos, o conceito de paisagem representa apenas os elementos naturais. Dessa maneira, o referido recurso didático torna possível implementar práticas de ensino que divergem desse pensamento reducionista e que trazem para o centro do debate uma paisagem que é “[...] um conjunto de formas que, num dado momento, exprime heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (SANTOS, 2002, p.103).

Compreender essas relações impressas na paisagem é essencial para que ocorra a constituição de um pensamento espacial crítico, distanciando-se de uma Geografia que apenas descreve as paisagens e suas formas histórico-sociais.

Nesse sentido, os postais podem auxiliar a construção de um pensamento sobre a representação social que os moradores possuem de determinadas paisagens, assim como a investigação das relações sociais e fenômenos que nelas estão contidas.

Na opinião de Cavalcanti (2006, p. 37-38),

O conceito de paisagem não é específico da Geografia, ainda que seja clássico na constituição desta ciência. Tradicionalmente ligado a aspectos de uma área de descrição possível, hoje creio que se pode destacar o fato de ser a paisagem o domínio do visível, a expressão visível de um espaço; o domínio do aparente, de tudo que nossa visão alcança; o domínio do que é vivido diretamente com nosso corpo, com todos os nossos sentidos – visão, audição, tato, olfato, paladar – ou seja, é a dimensão das formas que expressam o movimento da sociedade. A observação e compreensão dessas formas servem para dar caminhos de análises do espaço. Neste sentido cabem tanto os aspectos objetivos captados na paisagem quanto os aspectos subjetivos dos sujeitos, que dão significados e sentidos aos elementos da paisagem. São, assim, expressões técnicas, funcionais e estéticas da sociedade. As paisagens são também dinâmicas e históricas, já que são expressões de movimentos da sociedade. Pode-se dizer, assim, que pela observação dos objetos da paisagem, observação que é subjetiva e seletiva, percebe-se as ações sociais, as contradições sociais, as testemunhas de ações passadas, de distintos tempos.

Para Callai (2000, p. 94) a disposição espacial dos fenômenos representa “[...] muitas questões que, por não serem visíveis, precisam ser descortinadas, analisadas através daquilo que a organização espacial está mostrando”. Esses fenômenos estão

contidos na paisagem da cidade dos alunos e, inclusive, nas paisagens representadas pelos seus postais, portanto, precisam ser desenvolvidos em sala de aula pelo professor.

Segundo Cavalcanti (2006, p. 38-39),

No ensino da Geografia, é necessária a formação do conceito de paisagem, que pressupõe a concepção de que os espaços têm uma forma que expressa seu conteúdo (o movimento social), de que a paisagem revela as relações de produção da sociedade, seu imaginário social, suas crenças, seus valores, seus sentimentos. Para os alunos, buscando seus conceitos cotidianos, há que considerar as relações muito fortes que fazem entre o conceito e beleza; para eles a paisagem é uma vista bonita, um lugar panorâmico belo, muitas vezes intocado ainda pelo homem. Há uma associação entre paisagem e natureza. É sempre uma imagem idealizada e estática. Percebe-se, com isso, uma distância entre os conceitos científico e cotidiano. Com essa distância deve contar o professor, pois nela está a relação entre eles, que é, em definitivo, onde se encontra o trabalho de construção de conhecimento a ser desenvolvido no ensino.

Já a categoria lugar pode ser trabalhada pelos postais à medida que os alunos expressam seus vínculos com as imagens retratadas e constroem uma consciência da relação indissociável de local-global, uma vez que a “[...] consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar” (SANTOS, 2005, p. 161). Nesse sentido, “[...] o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos que ocorrem ou ocorreram no mundo” (CARLOS, 1996, p.22).

Outro ponto a considerar é a necessidade de buscar discussões e práticas em sala de aula que convirjam com os desafios que a geografia escolar tenta superar no início deste século, como a construção efetiva da cidadania, que perpassa pelo âmbito do conhecimento geográfico, pois cidadania envolve “[...] o sentido que se tem do lugar e do espaço [...]. Conhecer o espaço é conhecer a rede de relações a que se está sujeito, da qual se é sujeito. Alienação do espaço e cidade se configuram um antagonismo a considerar (DAMIANI, 2004, p. 50).

Desse modo, o conhecimento do espaço geográfico deve se distanciar de um caminho que é construído pelo predomínio de uma geografia mnemônica, “[...] um somatório de informações, sem uma teoria geral que ligue os fatos discutidos entre si e, salvo exceções, sem ligação dos assuntos vistos com a vida dos alunos” (KAECHER, 2004, p. 41). Lacoste (2012, p. 89) alerta que “[...] os alunos não querem mais ouvir falar dessas aulas que enumeram, para cada região ou para cada país, relevo – clima – vegetação – população – cidades – indústrias” (LACOSTE, 2012, p. 12).

A partir dessas reflexões, é possível compreender que os postais se constituem como uma alternativa válida para expandir as ferramentas didáticas que visam a construção de determinados conteúdos e conceitos geográficos que auxiliam no processo de desenvolvimento da cidadania espacial, além de auxiliar na geração de competências contempladas na BNCC. Mesmo com a permanência dos postais no tempo, existem poucos trabalhos práticos em sala de aula que os utilizam, tornando emergencial a expansão do debate em torno deles.

## O USO DO CARTÃO-POSTAL EM SALA DE AULA

Para colocar em prática o uso do cartão-postal no ensino de Geografia, foram selecionadas duas turmas da EJA, uma de quinto ano, do município de Barra Bonita -SP e outra de nono ano, do município de São José do Rio Preto - SP.

A opção pela EJA se deve ao fato de haver poucos trabalhos no âmbito da Geografia que trata dessa modalidade de ensino. Além disso, o cenário de vulnerabilidade e altos índices de evasão em ambas as escolas acarretou mais um desafio: realizar uma prática significativa para uma parcela de alunos que já desistiu da escola em idade regular por muitos motivos, tais como “gravidez precoce, drogas, desinteresse, condições financeiras” (PEDROSO, 2010, p. 45).

Pensando à luz das questões já levantadas, o trabalho foi dividido em 3 etapas: pesquisa a respeito dos cartões-postais, confecção de postais realizada pelas turmas e troca de experiências entre os alunos das duas cidades.

Na primeira etapa, o critério da escolha das paisagens que seriam retratadas nos cartões-postais (figura 1) foi a importância delas para a identidade dos moradores da cidade e os seus principais pontos turísticos. No caso de São José do Rio Preto, as paisagens elencadas foram: Mercado Municipal, Represa Municipal, Complexo Swift de Educação e Cultura, Palácio das Águas, Zoológico Municipal, Avenida Alberto Andaló, Estação de Trem, Biblioteca Municipal e a Basílica de Nossa Senhora Aparecida. Já os de Barra Bonita foram: Praça do Artesanato, Pista de Kart, Hidrelétrica, Igreja Matriz, Calçadão da Avenida, Castelinho, o famoso passeio de navio pelo Rio Tietê, Ponte Campos Salles e a Ponte do Açúcar.

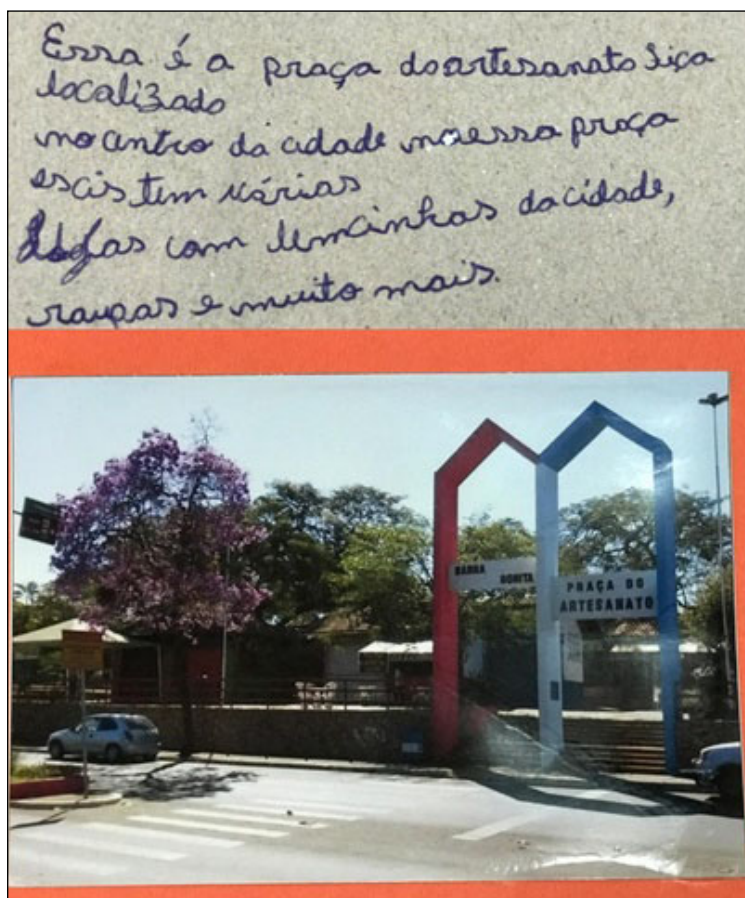


Fonte: Acervo dos autores

**Figura 1.** Cartões postais confeccionados pelos alunos

Nessa etapa, ocorreu um resgate histórico, assim como análise dos elementos que constituíam cada uma das paisagens, as formas que resistiram ao tempo e seus diferentes usos ao longo das décadas. Nos diálogos com os alunos foi possível notar que muitos deles possuíam vínculos afetivos com as paisagens representadas, compartilhando lembranças e memórias afetivas. Contudo, grande parte deles desconhecia o que alguns estabelecimentos eram antes de terem o uso que atualmente possuem, como, por exemplo, o Complexo Swift de Educação e Cultura, que já foi uma fábrica de óleo de cozinha e um graneleiro, sendo hoje em dia um espaço cultural e de lazer.

Na segunda etapa do trabalho, antes de iniciar a confecção dos postais, utilizamos cartões-postais autênticos para exemplificar a forma e o objetivo de sua escrita. A produção teve direcionamentos específicos para as duas turmas. No caso do quinto ano, o uso do recurso didático se mostrou de grande auxílio para o trabalho com os alunos que ainda estão na fase do desenvolvimento da escrita (Figura 2), já que ele possui uma linguagem curta e direta, englobando também conhecimentos prévios do aluno.



Fonte: Acervo dos autores

**Figura 2.** Aluno em fase de desenvolvimento da escrita

Dessa maneira, o postal também trouxe para a sala de aula o caráter de uma atividade diferenciada, voltada para alunos que possuem dificuldades na produção escrita. Ao articular o conhecimento prévio com o texto direto e curto foi possível estabelecer progressos profícuos com aqueles que apresentavam mais dificuldades.

É preciso lembrar que, atualmente, na modalidade da EJA existe grande parcela de alunos com deficiência que voltaram a estudar graças às políticas inclusivas dos últimos anos. Paiva, Barbosa e Ferreira (2009, p. 77) ressaltam que “jovens e adultos com deficiência constituem hoje ampla parcela da população de analfabetos no mundo porque não tiveram oportunidades de acesso à educação na idade apropriada”.

É necessário expressar que não se tinha pensado a possibilidade do postal como potencialidade para desenvolver a escrita nos alunos com mais dificuldade. Isso evidencia como “a complexidade dos processos educativos faz com que dificilmente se possa prever com antecedência o que acontecerá na aula” (ZABALA, 1998, p. 93).

Com os alunos do 9º ano, a partir do postal da Figura 3, foi possível discutir a respeito das formas presentes no espaço geográfico e seus diferentes usos ao longo do tempo, de acordo com a evolução das práticas sociais. A estação de trem, que foi o primeiro fator responsável pelo crescimento acelerado da cidade de Rio Preto (FRANCISCO, 2011), já não apresenta a mesma função do passado. Até 2002 ela possuía uma seção de alistamento militar e também funcionava uma oficina de artes em seu depósito de cargas.

De acordo com Santos (1985, p. 55), “[...] as formas remanescentes dos períodos anteriores” podem ser chamadas de rugosidades. “[...] Elas permanecem o próximo movimento dinâmico da sociedade, quando terá toda a probabilidade de cumprir uma nova função” (SANTOS, 1985, p. 55):

Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos (SANTOS, 2002, p. 92).

Já nas Figuras 4 e 5, destaca-se a ação dos seres humanos sobre a natureza a fim de suprir suas necessidades, como a geração de eletricidade. No caso dos alunos de Barra Bonita, fica evidente que eles reconhecem a importância da usina hidrelétrica para o turismo local, porém desconheciam como é gerada a energia elétrica da cidade. Nesse sentido, Santos (1996) nos lembra que estamos ao redor de técnicas cujas finalidades desconhecemos: “a natureza tecnicizada acaba por ser uma natureza abstrata [...] todos os dias acordamos um pouco mais ignorantes e indefesos” (1996, p. 6).



Fonte: Acervo dos autores

**Figura 3.** As rugosidades presentes no espaço



O trabalho com simples postais pode acrescentar novas maneiras de refletir acerca de uma paisagem já conhecida. Borges (2003, p. 172) salienta que eles “são peças cruciais dos acervos das cidades e documentos que tanto informam quanto permitem a análise do espaço público”.

Buonanno (2004) alerta que:

Através dos meios de comunicação tem-se recursos disponíveis para ampliar nossas geografias imaginárias, pluralizar nossos mundos simbólicos de vida, familiarizar-nos com o outro e o distante, construir ‘sentidos de lugares imaginários (2004, p. 346).

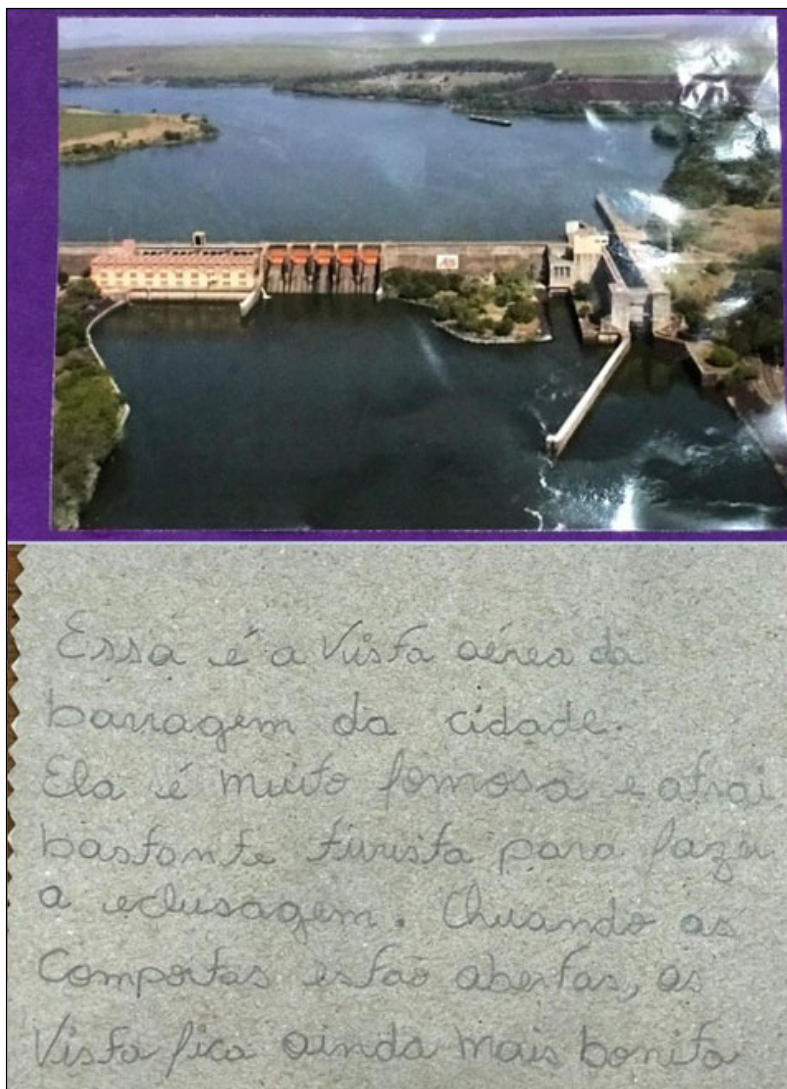
Além disso, possibilita que os professores se aventurem na realização do estudo do meio (PONTUSCHKA, 2004) com os alunos nos pontos turísticos escolhidos. FREINET (1973) compreende a necessidade em realizar aula-passeio e compartilha experiências dessa atividade em suas obras: “[...] sentíamo-los com todo o nosso ser, não só objetivamente, mas com toda a nossa sensibilidade natural. E trazíamos as nossas riquezas: fósseis, nozes, avelãs, argila ou uma ave morta” (1973, p. 23).

Isso possibilita ao estudante um aprendizado profícuo que oportuniza “[...] elaborar uma representação pessoal do conteúdo objeto de aprendizagem, fazê-lo seu, interiorizá-lo, integrá-lo nos próprios esquemas de conhecimentos” (ZABALA, 1998, p. 98).



Fonte: Acervo dos autores

**Figura 4.** Hidrelétrica de Barra Bonita



Fonte: Acervo dos autores

**Figura 5.** Hidrelétrica construída no rio Tietê

Nas Figuras 6, 7 e 8, podemos evocar o conceito de lugar presente na escrita do cartão-postal. A reflexão dos alunos não está apenas representando os elementos que constituem a paisagem, mas aborda o cotidiano daquela paisagem, o seu espaço vivido, como o relato apresentado sobre os fogos de artifício no final do ano (Figura 6), o passeio em família aos domingos e o encontro entre os amigos em bares e restaurantes (Figura 7).

Esses relatos demonstram que os alunos possuem não só o conhecimento sobre aquele local da cidade, mas também vivência e experiência. Na abordagem da Geografia Crítica, Santos (2005, p. 158) revela que “[...] o lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente”. Nesse sentido, os alunos estão percebendo o mundo a partir de suas experiências.



Fonte: Acervo dos autores

Figura 6. Represa e complexo da Swift – São José do Rio Preto.



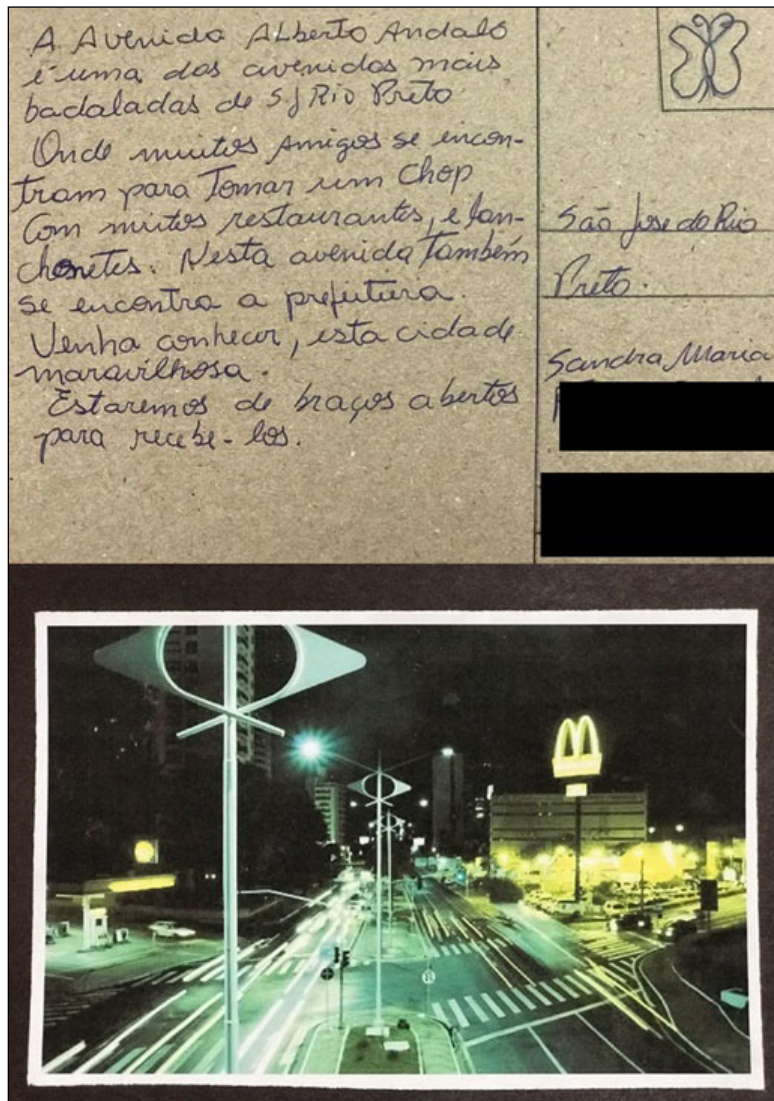
Fonte: Acervo dos autores

**Figura 7.** Zoológico de São José do Rio Preto

Para Cavalcanti (2006, p. 36),

O lugar é, portanto, o habitual da vida cotidiana mas, por outro lado, também é por onde se concretizam relações e processos globais. O lugar produz-se na relação do mundial com o local, que é ao mesmo tempo a possibilidade de manifestação do global e de realização de resistências à globalização.

No entanto, se levarmos em conta a Geografia humanista, podemos compreender que os relatos sobre o lugar não estão associados apenas a um sentido de localização geográfica, mas à experiência do ser sobre aquele local, podendo criar um sentido de topofilia (afeto ao lugar) ou topofobia (medo do lugar) (TUAN, 1980).



Fonte: Acervo dos autores

**Figura 8.** Avenida Andaló, São José do Rio Preto

## EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS: O ENTRELAÇAMENTO ENTRE A PEDAGOGIA E A GEOGRAFIA

A terceira e última etapa da prática realizada em sala de aula foi a troca dos postais entre as duas turmas, que possibilitou um momento de diálogo a respeito do compartilhamento de informações sobre a cidade onde eles vivem.

Esse diálogo entre os alunos foi permeado de muitas indagações e surpresas sobre as paisagens retratadas nos postais, como o passeio pela eclusa, a represa municipal e a pista de kart (Figura 9), possibilitando a criação de um verdadeiro diálogo em sala de aula, sem hierarquização ou descontextualização, com foco em uma prática produzida pelos próprios alunos e com uma finalidade explícita.

O diálogo, nas palavras de FREIRE (1997), é “[...] uma exigência existencial”, que deve ser cultivada para romper com o silêncio na educação, já que não é nele “[...] que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (1997, p. 108).



Fonte: acervo dos autores

**Figura 9.** Pista de kart (Barra Bonita) e Represa Municipal (São José do Rio Preto)

Outro aspecto positivo e relevante da prática foi ter olhares diferenciados dos professores sob o mesmo recurso didático. De um lado, um professor de Geografia, e de outro, um pedagogo. Ambos trouxeram para cada percurso metodológico suas contribuições específicas de sua área de atuação.

## CONCLUSÃO

O cartão-postal é um recurso didático pertinente no ensino de Geografia, pois apresenta potencialidade para se trabalhar com categorias geográficas, resgatar a história e cultura local, além de fomentar uma análise crítica sobre a paisagem local e valorizar a produção do aluno.

Com o compromisso de romper com a passividade de um ensino tradicional, a prática dialógica propiciada pelos cartões-postais transforma o processo de ensino e aprendizagem em algo significativo.

Em específico para a pedagogia, com os alunos do 5º ano, foi possível ir além das expectativas ao encarar os postais como um instrumento para se trabalhar a produção escrita, principalmente de alunos que ainda estão em fase de alfabetização. Além disso, foi possível dialogar com a disciplina de Geografia, que nos anos iniciais do fundamental é, muitas vezes, esquecida pelo predomínio quase pleno da Matemática e do Português.

Já para o ensino de Geografia, com os alunos do 9º ano, foi possível observar a dificuldade de ir além do retrato atual da paisagem, sendo necessário explorar seu passado, suas formas e funções. A análise dos postais propiciou aos alunos desenvolver a compreensão de que os processos espaciais são visíveis nas formas das nossas estruturas urbanas e rurais, cuja população, muitas vezes, possuem vínculos afetivos com elas.

A reflexão em relação às etapas de trabalho realizadas em sala de aula também evidenciou certos reducionismos que poderiam ter sido evitados a partir de uma experiência maior com o uso do recurso didático. Como por exemplo, a falta em explorar a visão de mundo que muitos alunos imigrantes recém-chegados na cidade possuem sobre ela, ou utilizar a cartografia para localizar os postais no espaço geográfico.

Mesmo com as falhas e dificuldades enfrentadas na elaboração do trabalho, é possível crer que os artefatos culturais do século passado, como os cartões-postais, ainda podem ser uma alternativa criativa no processo de ensino e aprendizagem na educação básica.

## REFERÊNCIAS

- BELCHIOR, E. de O. **Examine seu cartão-postal**. Rio de Janeiro: ACARJ, 1992.
- BORGES, M. E. L. **História e fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BUONANNO, M. Além da proximidade cultural: não contra a identidade, mas a favor da alteridade. In: LOPES, M. I. V. **Telenovela: internacionalização e interculturalidade**. São Paulo: Loyola, 2004, p. 53-72.
- CALLAI, H. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CAVALCANTI, L de S. Bases teórico-metodológicas Geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino. In: ROSA, Dalva E. Gonçalves... [et al.]. **Formação de professores: concepções e práticas em Geografia**. Goiânia: Editora Vieira, 2006. p. 27-49.
- DAMIANI, A. L. A geografia e a construção da cidadania. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.
- FRANCISCO. A. M. Contribuição à história da urbanização de São José do Rio Preto – SP. **Tópos**, Presidente Prudente, v. 05, n. 01, p. 119-142, jun. 2011.
- FRANCO, P. dos S. Cartões-postais: fragmentos de lugares, pessoas e percepções. **Métis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 25-62, jun/jun. 2006.
- FREINET, C. **As técnicas Freinet da Escola Moderna**. Tradução: Silva Letra. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- KAERCHER, N. A. **Desafios e utopias no ensino de geografia**. São Francisco do Sul: Edunisc, 2004.
- LACOSTE, Y. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 19. ed. São Paulo: Papirus, 2012.
- MARTINS, A. R. **Comparações culturais entre ex-colônias portuguesas**. 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2406/comparacoes-culturais-entre-ex-colonias-portuguesas>. Acesso em: 09 jul. 2019.
- PEDROSO, S. G. Dificuldades encontradas no processo de educação de jovens e adultos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA CÁTEDRA UNESCO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, 1., 2010, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2010, p. 30-55
- PAIVA, J; BARBOSA, M. J; FERREIRA, W. B. EJA & Deficiência: estudo sobre a oferta a modalidade EJA para estudantes com deficiência. In AGUIAR, M. A. (Org.) **Educação de Jovens e Adultos: o que dizem as pesquisas?** Recife: Gráfica J. Luiz Vasconcelos, 2009, p. 75-128.
- PONTUSCHKA, N. N. O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J. W. (Org.). **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2004, p. 249-288.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.
- SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.
- SANTOS, M. Técnica espaço e tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.
- SIQUEIRA, E. D. Para uma etnografia do cartão-postal: destaque para a garota carioca. **Teoria e cultura**, Ouro Preto, v. 1, n. 2, p. 129-147, abr. 2006.
- SOTILO, C. P. O cartão-postal e a fotografia: reprodução e consumo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CONSUMO, 4., 2014, São Paulo, **Anais [...]**. São Paulo: COMUNICON, 2014. p. 1-14.
- TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo. DIFEL, 1980.
- ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.